

POLÔNIA E BRASIL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 28.07.1981

A crise política e econômica que atravessa hoje a Polônia tem uma série surpreendente de pontos comuns com a crise brasileira. Depois de uma semana de permanência na Polônia na companhia de Eduardo e Marta Matarazzo Suplicy e de Mário Dowbor, polonês-brasileiro que nos guiou e conosco debateu os problemas atuais da Polônia, e depois de haver entrevistado um grande número de pessoas, desde operários e camponeses até economistas, membros do Poup. do KOR e da solidariedade, inclusive Jacek Kuron e Lech Walesa, uma das mais curiosas e significativas conclusões a que cheguei refere-se a essa semelhança entre as duas classes.

De fato, tanto o Brasil quanto a Polônia encontram-se em uma crise econômica grave e em um processo de transformação política. Certamente a crise econômica polonesa é mais aguda do que a brasileira e a transformação política mais profunda. Importando mesmo em uma revolução. O Brasil caminha para a democracia nos quadros de um capitalismo tecnoburocrático que permanece intocado, enquanto que é possível que a Polônia não apenas se democratize, mas que na formação social deixe de ser dominante estatal e se torne crescentemente socialista graças ao projeto de autogestão em todos os níveis da sociedade que aos poloneses estão tendendo a ver como solução básica para seus problemas.

A crise política tanto em um país como em outro teve duas causas: a crise econômica e o autoritarismo de uma alta tecnoburocracia estatal. Esta alta tecnoburocracia, no Brasil, perdeu o apoio da burguesia, na Polônia dividiu-se. Em ambos os casos a crise política é fundamentalmente uma crise de legitimidade, faltando inclusive aos dois governos qualquer representatividade efetiva da população.

A crise econômica, por sua vez, tem características e causas comuns nos dois países. Tanto o Brasil com a Polônia viveram um “milagre” econômico no início dos anos setenta. As altas taxas de crescimento econômico levaram não apenas a uma

concentração da renda (no Brasil muito mais grave do que na Polônia), mas também à realização de investimentos excessivos e mal planejados, que ficaram incompletos ou produziram altos índices de capacidade ociosa. Levaram ainda à criação de um complexo sistema de subsídios que distorceu gravemente o sistema de preços (estes dois erros foram provavelmente mais acentuados na Polônia). Em ambos os casos a consequência foi a inflação, na Polônia reprimida, no Brasil aberta.

Por outro lado, nos dois países a euforia do “milagre” levou os governantes a não dar atenção ao primeiro choque do petróleo, em 1973, e continuaram seus grandes planos. O resultado foi um endividamento externo, que se transformou na principal limitação econômica que a Polônia e o Brasil enfrentam.

Finalmente, no plano político mais amplo, os poloneses estão muito conscientes do poder da URSS e da necessidade de um compromisso com ela para poderem, internamente, dar continuidade ao seu processo de democracia e autogestão, enquanto os brasileiros sabem muito bem que precisam, para dar continuidade ao seu processo de abertura, fazer dois compromissos: de um lado, com seus próprios militares, de outro lado, com os países capitalistas centrais e seus banqueiros internacionais, dos quais, aliás, também depende hoje a Polônia. Em ambos os casos, trata-se de uma questão de realismo político, porque, afinal, a política é a arte do possível.(28/07)